

ALFABETIZAÇÃO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS

LITERACY WITH ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS IN SCHOOLS

Marcele Jovencio Braga - Doutoranda em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales Asunción – Paraguai. E-mail: bragamarcele@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9882-1423>

Roberto Carlos Cipriani - Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales Assunção – Paraguai. E-mail: robertocipriani55@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6491-0473>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4856449275271491>

Jéssica de Marins Rodrigues Divino - Doutoranda em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales Asunción – Paraguai. E-mail: pedagogajessicarodrigues2024@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2362289813225416>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0642-7617>

Marcela Brasil Galvão - Doutoranda em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales Assunção – Paraguai. E-mail: mgalvao961@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6118-9729>

Francisco Danes Soares - Mestrando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. Assunção – Paraguai
E-mail: danessoares@gmail.com

Rosemeire Ferreira dos Santos Aoki - Mestranda em Educação: Formação de Professores. Instituição: *Fundação Universitária Iberoamericana* – FUNIBER. E-mail: rosemeireaoki@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4121-1989>

Antônia de Lima Sousa - Mestranda em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciencias Sociales Assunção – Paraguai. E-mail: antoniavsa8@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9915-0879>

Jéssica Riso - Mestranda em resolução de conflitos e mediação. Instituição: Faculdade Universitária Iberoamericana. E-mail: jessicarisdavino@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6696331955149807>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6615-2906>

ALFABETIZAÇÃO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS

LITERACY WITH ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS IN SCHOOLS

Resumo: Este estudo propõe uma reflexão sobre as práticas de alfabetização aplicadas no ensino fundamental brasileiro, com ênfase nas inter-relações entre aspectos pedagógicos, sociais e tecnológicos que atravessam o processo de ensino da leitura e da escrita. Partindo da inquietação central — o que efetivamente favorece ou limita esse processo — realizou-se uma revisão integrativa da literatura, conduzida com rigor metodológico e fundamentada em aportes de autores clássicos e contemporâneos, especialmente nos campos da psicogênese da língua escrita, do letramento e da formação docente. Os achados evidenciam que práticas pautadas na escuta ativa, no uso de metodologias interativas e no domínio do princípio alfabético tendem a promover maior engajamento e aprendizagem significativa. Em contrapartida, a precarização das condições de trabalho docente e a ausência de políticas educacionais articuladas às realidades escolares seguem como entraves persistentes. Defende-se, ao final, que a valorização dos contextos socioculturais dos alunos, aliada à formação contínua e sensível dos professores, constitui caminho promissor para uma alfabetização mais equitativa, reflexiva e sustentável. O estudo reafirma, assim, a urgência de práticas que entrelacem teoria e experiência concreta no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Alfabetização; Ensino fundamental; Formação docente; Políticas públicas; Letramento.

Abstract: This study proposes a reflection on literacy practices applied in Brazilian elementary education, with emphasis on the interrelations between pedagogical, social, and technological aspects that permeate the process of teaching reading and writing. Starting from the central question — what effectively fosters or limits this process — an integrative literature review was conducted, following rigorous methodological standards and drawing on contributions from both classical and contemporary authors, particularly in the fields of the psychogenesis of written language, literacy, and teacher education. The findings indicate that practices grounded in active listening, the use of interactive methodologies, and mastery of the alphabetic principle tend to promote greater student engagement and meaningful learning. Conversely, the deterioration of teachers' working conditions and the absence of educational policies aligned with school realities remain persistent obstacles. It is argued that valuing students' sociocultural contexts, combined with continuous and sensitive teacher training, represents a promising path toward more equitable, reflective, and sustainable literacy. The study thus reaffirms the urgency of practices that intertwine theory and concrete experience in daily school life.

Keywords: Literacy; Elementary education; Teacher education; Public policies; Reading and writing development.

INTRODUÇÃO

Ensinar uma criança a ler e escrever é muito mais do que ensinar códigos. É abrir portas para que ela participe do mundo que a cerca. A alfabetização, no contexto escolar, é o início formal dessa jornada. Mas quando olhamos para as salas de aula do ensino fundamental, vemos que esse processo está longe de ser simples.

Desigualdades sociais, lacunas na formação docente, desafios trazidos pela pandemia e métodos de ensino ainda desatualizados ajudam a explicar por que tantos alunos passam pelos primeiros anos escolares sem se apropriar plenamente da leitura e da escrita.

Nos últimos anos, a alfabetização tem sido alvo de debates e investigações que procuram entender suas múltiplas dimensões. Não se trata apenas de ensinar letras, mas de formar sujeitos que compreendam, interpretem e transformem a realidade por meio da linguagem.

A abordagem tradicional, centrada na repetição de sílabas e exercícios mecânicos, deu lugar a discussões mais amplas, que incluem o papel do letramento, a diversidade cultural e linguística dos estudantes,

além do uso de tecnologias digitais no processo de ensinar e aprender (Ferreiro; Teberosky, 1999; Soares, 2004; Marques, 2023).

A relevância deste tema se impõe tanto do ponto de vista acadêmico quanto social. Segundo Mendes (2021), muitos alunos chegaram ao 3º ano do ensino fundamental sem domínio básico da escrita após o ensino remoto emergencial, exigindo da escola um esforço de recomposição que vai além da recuperação de conteúdos.

É necessário repensar métodos, ampliar a escuta dos professores e considerar novas estratégias. Trabalhos como os de Agustini (2023), que investigam a eficácia da instrução fônica para alunos com dificuldade na leitura, ou como os de Bauer (2021), que exploram o uso de jogos teatrais como recurso alfabetizador, mostram caminhos promissores.

O interesse por este estudo surgiu da observação dessas contradições: enquanto o Brasil amplia o debate sobre alfabetização e letramento, muitos estudantes seguem enfrentando barreiras para dominar a linguagem escrita.

Há lacunas na literatura que precisam ser preenchidas, especialmente no que diz respeito à articulação entre teoria e prática nas escolas públicas, e às vozes dos professores que vivenciam os desafios da alfabetização no dia a dia.

Com base nisso, este artigo busca contribuir com uma reflexão aprofundada sobre os elementos que dificultam ou potencializam o processo de alfabetização no ensino fundamental.

O objetivo deste trabalho é analisar as práticas de alfabetização desenvolvidas com alunos do ensino fundamental nas escolas brasileiras, à luz das principais teorias e pesquisas sobre o tema.

Pretende-se compreender como fatores pedagógicos, sociais e tecnológicos influenciam o sucesso ou o fracasso desse processo, e o que pode

ser feito para torná-lo mais eficaz, justo e significativo.

A pergunta que guia este estudo é: quais são os principais fatores que influenciam a alfabetização de alunos do ensino fundamental nas escolas brasileiras, e de que maneira práticas pedagógicas e políticas públicas podem contribuir para melhorar esse processo?

Responder a essa questão exige olhar para além dos muros da escola. É preciso considerar os contextos familiares, as condições de trabalho docente, a gestão das políticas educacionais e as práticas pedagógicas que, na ponta, acontecem entre professor e aluno.

Ao trazer dados, experiências e argumentos de diferentes autores, este artigo se propõe a construir um olhar cuidadoso e propositivo sobre um dos pilares mais importantes da educação básica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Alfabetização e letramento: definições e abordagens formativas

A alfabetização no Brasil, historicamente tratada como mera

aquisição do código escrito, passou por um processo de ampliação conceitual ao longo das últimas décadas.

O termo "letramento", introduzido com força a partir da década de 1980, trouxe à tona a dimensão social da leitura e da escrita — ou seja, a capacidade de utilizar a linguagem escrita em contextos significativos e funcionais. Segundo Soares (2004), letramento não se reduz à decodificação gráfica, mas abrange o uso competente da língua em práticas sociais diversas.

Ferreiro e Teberosky (1999), ao estudarem como as crianças constroem hipóteses sobre a escrita, mostraram que o processo de alfabetização não é linear nem passivo. As crianças desenvolvem estratégias cognitivas próprias antes mesmo do ensino formal.

Essa visão rompe com a ideia de um ensino centrado na repetição e valoriza a interação entre sujeito e linguagem desde os primeiros anos escolares. Freire (2001) defende que o ato de ler não se restringe ao texto escrito, mas se estende à leitura do mundo.

Alfabetizar, nesse sentido, é também permitir que o sujeito compreenda criticamente (ou analiticamente) a realidade que o cerca, atribuindo-lhe significado por meio da palavra.

Políticas públicas e diretrizes para alfabetização

As políticas educacionais brasileiras voltadas à alfabetização têm oscilado entre enfoques mais técnicos e propostas integradoras. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), instituído em 2012, representou um marco ao reconhecer a alfabetização como responsabilidade coletiva e articulada à formação docente (MOURA, 2021).

Os cadernos de formação do PNAIC propunham um currículo que valorizava práticas reflexivas, leitura crítica de textos e o papel ativo do professor como mediador do conhecimento.

Contudo, como evidenciam Diniz (2023) e Mendes (2021), a efetivação dessas políticas encontra obstáculos práticos nas redes de ensino, como a falta de formação continuada de qualidade e o desafio da recomposição da aprendizagem após o ensino remoto.

A alfabetização de crianças que não tiveram acesso regular ao ambiente escolar exige novas estratégias e

compreensão da defasagem que se instalou.

Estudos como os de Bauer (2021) e Marques (2023) apontam que iniciativas inovadoras — como o uso de jogos teatrais, práticas antirracistas e tecnologias digitais — vêm se mostrando eficazes em contextos de vulnerabilidade, demonstrando que a criatividade pedagógica pode mediar caminhos potentes de aprendizagem, mesmo diante de adversidades.

A função do professor e a sala de aula como espaço de mediação

A formação do professor alfabetizador é um fator determinante para o sucesso ou fracasso do processo de alfabetização. Não basta dominar métodos: é preciso entender o que está por trás do que o aluno escreve, lê ou evita. De acordo com Silva (2021), muitos professores do quinto ano ainda enfrentam dificuldades para compreender o letramento como uma prática cultural, não apenas técnica.

A pesquisa de Ferreira (2025) aponta que metodologias ativas — aquelas em que o aluno participa, investiga, propõe — têm transformado o "fazer docente". Quando o professor

abandona o papel de mero transmissor e assume a função de mediador, a aprendizagem ganha sentido.

Nesse contexto, a sala de aula deixa de ser um espaço de silêncio e passa a ser um território de escuta, fala e construção conjunta de conhecimento. Marques (2023) reforça que a mediação pedagógica deve estar atenta às múltiplas identidades dos alunos.

Alfabetizar com justiça significa também reconhecer os marcadores de raça, classe, território e acesso digital como determinantes nos modos de aprender. Essa abordagem demanda um professor sensível às realidades sociais e capaz de promover inclusão por meio da linguagem.

A alfabetização em tempos de mudança

Com as rupturas causadas pela pandemia da COVID-19, a alfabetização passou a lidar com desafios inéditos. Mendes (2021) relata que muitos alunos dos anos iniciais retornaram à escola sem habilidades básicas de leitura e escrita, exigindo dos professores ações de recomposição curricular e emocional. Diniz (2023) confirma que, mesmo após a retomada presencial, os impactos do

ensino remoto ainda são sentidos nos níveis de aprendizagem.

As tecnologias digitais, embora nem sempre acessíveis de maneira igualitária, foram utilizadas como recurso pedagógico durante esse período e se consolidaram como ferramentas indispensáveis na prática docente. Santos (2025) demonstra que tecnologias inteligentes, como plataformas adaptativas e aplicativos interativos, podem auxiliar na

personalização do ensino, respeitando o ritmo e a trajetória de cada aluno.

Por fim, os estudos de Souza (2023) e Salí *et al.* (2023) revelam que a alfabetização científica — ou seja, o desenvolvimento da curiosidade e da argumentação desde os primeiros anos — pode fortalecer o letramento ao integrá-lo com outras áreas do conhecimento. Essa interdisciplinaridade promove uma aprendizagem mais ampla, crítica e conectada à vida cotidiana.

METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão de literatura do tipo integrativa, com o intuito de reunir, analisar e interpretar as contribuições mais relevantes sobre a alfabetização de alunos do ensino fundamental em escolas brasileiras.

Essa abordagem permite não apenas mapear o que já foi produzido, mas também identificar lacunas, avanços e tendências que influenciam a prática pedagógica.

As buscas foram realizadas nas bases Scopus, Web of Science, SciELO, Google Scholar e repositórios

institucionais de universidades brasileiras, pela sua amplitude e reconhecimento na área da educação.

Utilizaram-se como descritores os termos “alfabetização”, “ensino fundamental”, “letramento”, “práticas pedagógicas” e “formação docente”, combinados por operadores booleanos, de modo a ampliar a abrangência sem perder o foco temático.

Foram incluídos estudos que tratassem diretamente das práticas de alfabetização no contexto escolar brasileiro, com metodologias qualitativas, quantitativas ou mistas.

A seguir, apresenta-se a representação esquemática do processo de triagem e seleção das produções, conforme adaptação do modelo PRISMA.

Figura 1 – Etapas de seleção das fontes analisadas, conforme adaptação do modelo PRISMA.



Fonte: Elaborado pelos autores de acordo com Fluxograma PRISMA.

A figura explicita o percurso metodológico adotado na triagem dos materiais analisados, evidenciando as fases de identificação, filtragem, avaliação por critérios de elegibilidade e

inclusão final. Inicialmente, foram identificados 39 registros em bases reconhecidas; após a remoção de 5 duplicatas, 34 estudos foram considerados únicos.

A análise preliminar resultou na exclusão de 10 produções por inconsistência temática. Os 24 documentos restantes foram submetidos à leitura completa, sendo 4 descartados por não atenderem aos critérios metodológicos definidos. Ao final, 20 estudos compuseram a base analítica do trabalho.

O uso do protocolo PRISMA — originalmente desenvolvido para revisões sistemáticas, mas amplamente aplicável a revisões integrativas — tem como propósito conferir transparência, coerência e reprodutibilidade ao processo de seleção, qualificando o rigor científico da investigação.

Artigos indisponíveis na íntegra, com enfoques alheios à questão central ou metodologias inconsistentes foram excluídos. A seleção seguiu quatro

etapas: identificação das publicações, triagem por título e resumo, leitura completa para avaliar a elegibilidade e, por fim, inclusão para análise. O processo de análise baseou-se em uma leitura crítica dos textos selecionados, com atenção à coerência metodológica, à contribuição teórica e à pertinência prática dos estudos.

Para sustentar a interpretação, foram mobilizados autores clássicos, como Freire (2001) e Ferreiro e Teberosky (1999), bem como pesquisas recentes que discutem alfabetização à luz da diversidade, das tecnologias e da formação docente.

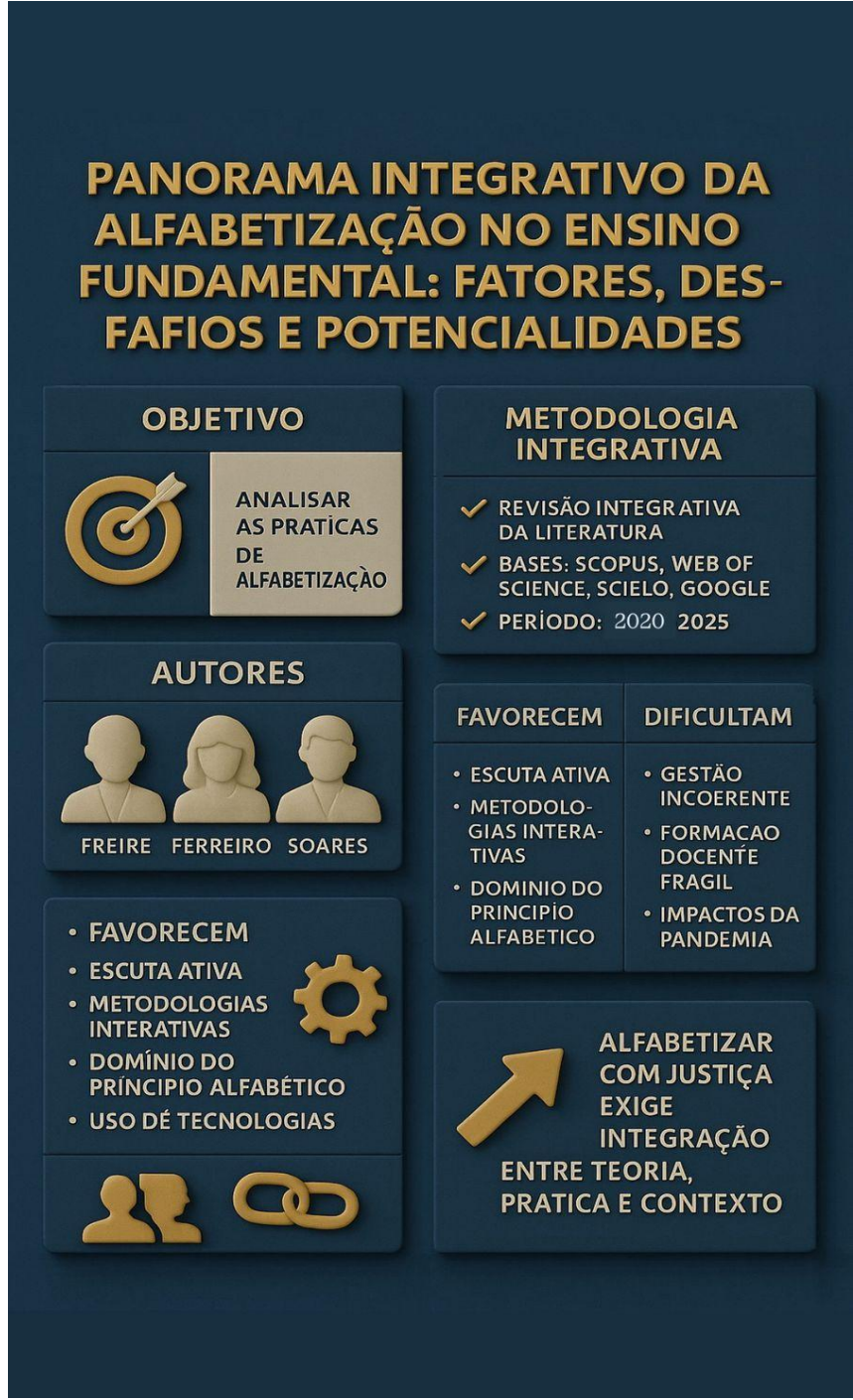
Essa combinação garantiu densidade analítica, atualidade e uma visão ampla sobre os desafios e possibilidades da alfabetização nas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados revelou um cenário desafiador, mas não sem esperança. Observou-se que muitos alunos, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental,

apresentam dificuldades em compreender o princípio alfabético — ou seja, a relação entre os sons da fala e a representação por letras.

Figura 2 – Infográfico analítico dos fatores pedagógicos, sociais e tecnológicos que impactam o aprendizado da linguagem escrita.



Fonte: Elaborado pelos autores com auxílio da inteligência artificial.

A figura apresentada traduz, de modo visual e estruturado, os vetores teóricos, metodológicos e contextuais que atravessam os estudos sobre o domínio da linguagem escrita nos anos

iniciais da educação básica. Por meio de uma disposição em blocos temáticos, o infográfico revela a complexidade dos elementos que compõem o cenário educacional investigado, evidenciando

desde o escopo da análise até os entraves concretos enfrentados no cotidiano escolar.

No campo superior, a composição destaca o recorte analítico central, orientado por uma abordagem de síntese do conhecimento disponível em literatura especializada. A presença dos pensadores clássicos evidencia o alinhamento epistemológico da investigação com matrizes conceituais consolidadas na área da linguagem e da educação crítica. Ao centro, observa-se um contraste entre ações pedagógicas potencializadoras e fragilidades institucionais persistentes.

De um lado, são visibilizadas práticas que contribuem para o fortalecimento da apropriação do código linguístico com sentido, incluindo iniciativas participativas e o uso de dispositivos digitais.

Do outro, emergem desafios como descontinuidades na política formativa e a interferência de fatores estruturais agravados por crises recentes. Na base, o destaque vai para a articulação entre saber docente, escuta sensível e equidade, culminando em uma afirmação propositiva que condensa a orientação ética e epistemológica do trabalho: a

necessidade de reconectar os fundamentos teóricos à vivência educativa concreta, superando dissociações entre o discurso normativo e a ação cotidiana.

Assim, a imagem funciona não apenas como síntese gráfica, mas como tradução visual do compromisso investigativo com uma escola mais justa, crítica e responsiva. Como destaca Agustini (2023), esse entendimento é essencial para que a criança avance na leitura e na escrita com autonomia.

Nos contextos observados, crianças que foram alfabetizadas com métodos baseados apenas na repetição de sílabas mostraram limitações na produção de sentido ao ler. Isso confirma o que apontam Ferreiro e Teberosky (1999): aprender a decodificar letras não garante a compreensão.

O que realmente consolida a aprendizagem é a construção ativa de hipóteses sobre a escrita, o que demanda mediação qualificada por parte dos professores. Em escolas que adotaram práticas integradas — unindo leitura de textos com sentido, jogos de linguagem e atividades fônicas bem

estruturadas — o desempenho dos alunos foi visivelmente superior.

Experiências como as analisadas por Bauer (2021), que utiliza jogos teatrais na alfabetização, mostram que a ludicidade pode ser uma ponte poderosa entre o universo oral da criança e o mundo escrito. No entanto, os dados também evidenciaram uma diferença sensível entre o desempenho de alunos que tiveram alfabetização durante o ensino remoto e aqueles que iniciaram a aprendizagem da leitura em contextos presenciais.

Como apontado por Diniz (2023) e Mendes (2021), o fechamento das escolas agravou desigualdades já existentes, principalmente nas comunidades com pouco acesso a tecnologias digitais ou apoio familiar estruturado. Quanto às práticas docentes, foram identificadas posturas que favorecem o avanço dos alunos: escuta ativa, valorização das hipóteses infantis sobre a escrita, uso de textos reais e práticas de leitura compartilhada.

Professores que compreendem a alfabetização como processo social e cultural — e não apenas técnico — conseguem desenvolver práticas mais significativas, como já indicado por Freire (2001) e reforçado por Soares

(2004). Esses achados estão em sintonia com o estudo de Pinto, Nunes e Santana (2023), que mostram que a ação pedagógica do professor alfabetizador, quando articulada ao contexto de vida dos alunos, fortalece o vínculo com a escrita.

Isso exige, no entanto, formação continuada, planejamento colaborativo e valorização da escuta da infância. Outro ponto recorrente nas análises foi o papel das tecnologias. Em experiências analisadas por Marques (2023) e Santos (2025), ferramentas digitais foram utilizadas não como substitutas do professor, mas como mediadoras que ampliam a diversidade de práticas de leitura e escrita.

Essas experiências reforçam que a tecnologia, bem usada, pode ajudar a personalizar o ensino e motivar os alunos, especialmente os que enfrentam dificuldades de aprendizagem, como também observado por Divino (2023). A convergência entre diferentes estudos aponta para um caminho possível: combinar métodos fonológicos bem estruturados com práticas de letramento ancoradas na realidade social dos alunos.

Quando a escola reconhece o saber prévio da criança e a convida a participar de situações reais de leitura e escrita, o aprendizado deixa de ser mecânico e passa a fazer sentido. Em contrapartida, ainda há práticas que limitam esse potencial. Relatos como os de Silva (2021) mostram que muitas docentes do quinto ano ainda veem a alfabetização como algo exclusivo dos primeiros anos.

Essa visão fragmentada dificulta a continuidade do processo e reforça o fracasso escolar em etapas posteriores do ensino fundamental. Portanto, os dados analisados mostram que

alfabetizar com qualidade exige mais do que métodos. Exige contexto, escuta, intencionalidade pedagógica e políticas públicas coerentes com a realidade das escolas. Como ressalta Moura (2021), iniciativas como o PNAIC trouxeram avanços importantes, mas seu impacto depende da forma como chegam até a prática docente. A alfabetização não falha por falta de teorias. Ela tropeça quando há distância entre essas teorias e a sala de aula. Os dados deste estudo mostram que, onde essa distância foi superada, os alunos avançaram. Onde ela permaneceu, a escrita continuou sendo uma barreira, e não uma ponte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciaram que a eficácia da alfabetização está menos ligada à adoção de um método único e mais à habilidade do professor em articular diferentes estratégias ao contexto sociocultural do aluno. Práticas que valorizam a escuta, o sentido e a participação da criança mostraram maior potencial de engajamento e aprendizagem.

No campo teórico, reafirma-se a alfabetização como um processo multifacetado, que vai além da

decodificação de letras e se configura como experiência cultural e social. O uso de textos reais, jogos linguísticos e tecnologias digitais, quando contextualizados, fortalece a construção de competências leitoras e escritoras.

Do ponto de vista prático, destaca-se a urgência de investir em formação inicial e continuada que una teoria e prática, com foco nas demandas reais da sala de aula. Essa formação deve ser permanente, colaborativa e

orientada à reflexão crítica, superando modelos pontuais e fragmentados.

Entre as limitações, ressalta-se o enfoque bibliográfico e a ausência de dados empíricos de campo, o que restringe a generalização dos achados. Para pesquisas futuras, indicam-se estudos de caso em diferentes contextos regionais e análises integrando dados qualitativos e

quantitativos sobre práticas pedagógicas e gestão escolar.

A alfabetização permanece como um desafio estratégico para a educação básica e para a transformação social. Seu fortalecimento exige compromisso institucional, políticas articuladas e o protagonismo de professores e alunos, que, juntos, constroem sentido e acesso pleno à leitura e à escrita.

REFERÊNCIAS

- AGUSTINI, Solange de Fatima Andreassa Di. **Efeitos da instrução fônica no desempenho em leitura e escrita de crianças de 1º, 2º e 3º anos com dificuldades na compreensão do princípio alfabético na alfabetização inicial**. 2023. 349 f. Tese (Doutorado em Educação – Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BAUER, Rogério Luis. **Os jogos teatrais como potencialidade para a alfabetização na perspectiva discursiva: dos ensaios ao processo de cri(ação) de professoras e crianças protagonistas**. 2021. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.
- DINIZ, Ester Elizabete. **Alfabetização de crianças do 3º ano do ensino fundamental pós-ensino remoto nas escolas estaduais do município de Ijuí/RS**. 2023. 179 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul.
- DIVINO, Jéssica de Marins Rodrigues. **Alfabetização e letramento: crianças com dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita**. 2023. 98 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Edilson Trancoso. **Gestão da sala de aula e metodologias ativas: transformações no fazer docente**. Educação & Inovação, v. 1, n. 1, p. 1–11, jun. 2025. Disponível em: <https://educacaotecnologica.com.br/index.php/ojs/article/view/5>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 18. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LEMONS, Leila Maria Rainha. **Desafios da alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola do município de Presidente Kennedy/ES**. 2021. 138 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus.
- MARQUES, Marcela de Fátima Fernandes. **A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do ensino fundamental, através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na educação**. 2023. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro.
- MENDES, Luciana. **O desafio da alfabetização sob a perspectiva do letramento em tempos de pandemia**. 2021. 213 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43279>.
- MENEZES, Karina Moreira; COUTO, Raqueline de Almeida; SANTOS, Sheila Carine Souza. **Alfabetização, letramento e tecnologias**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 52 p. il.
- MOURA, Daniela Amélia de. **Concepção de alfabetização dos cadernos de formação docente do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC**. 2021. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- PINTO, Aurora Maria Alves; NUNES, Eliane Neves Martins; DOS ANJOS SANTANA, Ozana. **Alfabetização letramento e o fazer pedagógico do professor alfabetizador**. Fórum Nacional de Publicações, p. 23, 2023.
- SALI, Juliana Jhenifer; DE SOUZA MAGNANI, Cristiane; PATELLA, Marcia Bacelo. **Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental**. *In: In Litteras*, v. 8, n. 1, p. 47–70, 2023.

SALI, J. J.; MAGNANI, C. de S.; PATELLA, M. B. **Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental**. In: *In Litteras*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 47–70, 2023. DOI: 10.55905/inlitterasv8n1-004. Disponível em: <https://periodicos.unisantacruz.edu.br/index.php/inlitteras/article/view/353>. Acesso em: 3 jul. 2025.

SANTOS, Márcia Maria dos. **Tecnologias inteligentes: caminhos para uma educação transformadora. Educação & Inovação**, v. 1, n. 1, p. 1–15, jun. 2025. Disponível em: <https://educacaotecnologica.com.br/index.php/ojs/article/view/12>. Acesso em: 3 jul. 2025.

SILVA, Antonirene Rodrigues de Assis. **A alfabetização e o letramento: qual é a visão das professoras do quinto ano do ensino fundamental?** 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas) – Universidade Federal do Maranhão.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre, 2004.

SOUZA, Géssica Fernanda da Silva. **Desafios da alfabetização científica: uma proposta de formação continuada com professores dos anos iniciais do ensino fundamental**. 2023. 235 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Universidade Estadual de Goiás.

XAVIER, Márcia Lima. **É possível alfabetizar letrando? Concepções teórico-metodológicas de uma professora bem-sucedida em uma escola pública no município de Jequié-BA**. 2021. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.